

A obra literária de Murilo Rubião traduz o caráter e a singularidade de uma criação que se tornou única e inimitável no quadro da literatura brasileira. Consistência, densidade, originalidade são atributos essenciais de sua literatura, simulada pela simplicidade. Sua obra é, na verdade, uma armadilha para apreender o leitor e instaurar em seu inconsciente um processo de conhecimento febril de sua pequenez e instabilidade no mundo.

Os contos publicados por Murilo Rubião integram um conjunto, muito amplo, de ações que desenvolveu. Atuando na face visível da cultura – e por extensão, da política – ampliou de maneira extraordinária sua “ação pedagógica”, principalmente naquele período de exceção que duramente vivemos.

Assumindo a responsabilidade de conduzir, em diferentes instâncias e circunstâncias, ações culturais nesse campo minado, soube com habilidade fertilizar e transformar o ambiente, acolhendo até as transgressões – de escritores e artistas –, simulando-as como cordial emulação poética. Bem à sua maneira de ser, de conviver, de promover e servir à cultura.

Para lembrar e celebrar os 90 anos do nascimento do escritor, foram convocados artistas para, a partir de um conhecimento direto – ou oblíquo – da feição literária e cultural de Murilo Rubião, traduzir, transfigurar, transcriar sua obra, tangenciando-a, de forma a compor uma Coleção Muriliana, capaz de restaurar, por processo de contaminação, os sentidos por ela detonados.

Como a arca bíblica, a nave fantástica de Noé, ou a outra, guardiã do Graal, pelo qual a humanidade faz as suas guerras, ou ainda a caixa de surpresas guardada por Pandora – decodificadas e traduzidas por Murilo Rubião em seus contos –, este amplo acervo construído aqui compõe, em sua incrível diversidade, uma reserva dos extraordinários acontecimentos que nos fustigam, intrigam e instigam, em nosso transcurso no mundo.

Convidados a entrar nessa grande arca, os artistas formaram uma *troupe* de poetas e magos, invadindo o espaço da galeria, multiplicando de forma surpreendente o zôo muriliano, com passes de mágica, passos de dança da imaginação, criando, assim, um saudável e bem-humorado impasse demográfico. Os ruídos insanos, as formas caóticas, as transgressões ao instituído, a desarrumação do cotidiano, o desvelamento afetivo, a bagunça geral constituem o melhor partido, a forma mais legítima de contar, comentar e celebrar este afável, enigmático e sempre surpreendente autor-personagem mineiro, Murilo Rubião.

CURADORIA

Claudia Renault

Marcio Sampaio

Marconi Drummond



1916
1º de junho - Nasce Murilo Eugênio Rubião em Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas (MG), filho do filólogo Eugênio Álvares Rubião e de Maria Antonieta Ferreira Rubião. Vive na cidade natal até um ano de idade.

1928
Termina o curso primário no Grupo Escolar Afonso Pena, de Belo Horizonte, depois de haver estudado nas cidades de Conceição do Rio Verde e Passa Quatro.

1935
Termina o curso ginasial, no Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte. É o orador da turma.

1938
Aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. Funda, com outros estudantes, a revista literária Tentativa.

1939
Começa, na Folha de Minas, sua carreira jornalística.

1940
Redator da revista Belo Horizonte.

1942
Forma-se em Direito.

1943
Diretor da Rádio Inconfidência, do governo de Minas Gerais.

1945
Chefia, em janeiro, a delegação mineira que participa, em São Paulo, do histórico I Congresso Brasileiro de Escritores, que contribuirá para a derrubada, em outubro, da ditadura do Estado Novo (1939-45).
Presidente da seção mineira da Associação Brasileira de Escritores.

1946
Oficial de gabinete do interventor federal em Minas, João Beraldo.

1947
Publica seu primeiro livro, O ex-mágico, de contos.

1948
Diretor do Serviço de Radiodifusão do Estado de Minas Gerais.
O ex-mágico ganha o prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo, da Academia Mineira de Letras.

1949
Muda-se para o Rio de Janeiro, como chefe da Comissão do Vale do Rio São Francisco.

1951
Oficial de Gabinete do governador de Minas, Juscelino Kubitschek.
Diretor interino da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais e da Folha de Minas.

1952
Chefe de Gabinete do governador Juscelino Kubitschek.

1953
Publica o livro de contos *A estrela vermelha*.

1956
Chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Madri, na Espanha. É também adido à Embaixada do Brasil.

1960
Volta para o Brasil.

1961
Redator da Imprensa Oficial, em Belo Horizonte.

1965
Publica *Os dragões e outros contos*.

1966
Cria, na Imprensa Oficial, o Suplemento Literário do Minas Gerais, semanário que, sob o seu comando, será por alguns anos uma das melhores publicações no gênero no país.

1967
Diretor da Rádio Inconfidência.

1968
A pedido do governador Israel Pinheiro implanta a Fundação de Arte de Ouro Preto, FAOP e torna-se seu primeiro presidente.

1969
Afasta-se da direção do Suplemento Literário e assume a chefia do Departamento de Publicações da Imprensa Oficial do Estado.

1974
Publica dois livros de contos: *O pirotécnico Zacarias* e *O convidado*. O primeiro se converte em *best-seller* e Murilo Rubião, aos 58 anos, se torna finalmente conhecido do grande público.

1975
Diretor de Publicações e Divulgação da Imprensa Oficial do Estado.
Aposenta-se no serviço público. Com *O pirotécnico Zacarias*, ganha o prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Club do Brasil.

1978
Publica *A casa do girassol vermelho*, contos.

1979
O ex-mágico é traduzido nos Estados Unidos (*The ex-magician and other stories*).
O conto *A armadilha* é adaptado para o cinema, num curta-metragem do diretor Henrique Faulhaber.

1981
O pirotécnico Zacarias é traduzido na Alemanha (*Der Feuerwerker Zacharias*).
O professor Jorge Schwartz publica o estudo *Murilo Rubião: A poética do Uroboro*.
O conto *O pirotécnico Zacarias* é adaptado para o cinema, num curta-metragem de Paulo Laborne.

1982
Murilo Rubião — Literatura comentada, coletânea de contos organizada por Jorge Schwartz.

1983
Diretor, uma vez mais, da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

1984
O ex-mágico sai em edição de bolso nos Estados Unidos.

1986
É publicada na Checoslováquia [atual República Checa] uma coletânea de contos de Murilo Rubião, com o título *A casa do girassol vermelho* (*Dum u Cerveké Slunecnice*).

1987
Edição especial do Suplemento Literário do Minas Gerais comemora os 40 anos do lançamento de *O ex-mágico*. O conto *O ex-mágico da Taberna Minhota* é adaptado para o cinema, num curta-metragem de Rafael Conde.

1988
O pirotécnico Zacarias e *A casa do girassol vermelho* (edição dupla).
Obras de Murilo Rubião são adotadas em cursos de português na França.

1990
Publica O homem do boné cinzento e outras histórias.

1991
16 de setembro: morre, de câncer, em Belo Horizonte, aos 75 anos.

21 de setembro: abertura no Palácio das Artes da exposição multidisciplinar *Murilo Rubião: Construtor do Absurdo*, o primeiro evento do projeto Memória Viva, da Secretaria Municipal de Belo Horizonte, com curadoria de Márcio Sampaio.

1998
Contos reunidos.

2002
O conto *O bloqueio* é adaptado para o cinema, num curta-metragem de animação de Cláudio de Oliveira.

2006
Com *O pirotécnico Zacarias e outros contos*, em nova seleção, a Companhia das Letras começa a relançar a obra de Murilo Rubião.





LEANDRO HBL Filme Vermelho | direção Leandro HBL | edição Breno Fortes | produção Leandro HBL e Amiten | assistência Cristiano Lara | som Andrés Reymondes | fotografia Leandro HBL | duração 8 minutos | 2005/2006





AUTO-RETRATO

No livro de registro de nascimento da matriz de Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas, encontro, ao lado meu, os nomes de meus pais: Eugênio Álvares Rubião e Maria Antonieta Ferreira Rubião. 1916.

Meu pai, homem de boa cultura humanística, era filólogo e pertenceu à Academia Mineira de Letras. Escrevia com rara elegância, apesar de gramático. Dele herdei a timidez e um certo ar cerimonioso, que me tem privado da simpatia de numerosas pessoas. Algumas delas mulheres, o que é lamentável.

Em Belo Horizonte residi vinte e cinco anos. Alguns alegres, outros tristes. Lá pretendo morrer. No cemitério do Bonfim, se não for incômodo para os que me sobreviverem.

Cursei grupo escolar, ginásio, Faculdade de Direito, e posso afirmar, sem sombra de orgulho, que jamais fui primeiro aluno em qualquer disciplina.

Como escritor, alcancei algum êxito na burocracia de letras. Três vezes presidente da Associação Brasileira de Escritores (Secção de Minas Gerais) e vice-presidente do I Congresso Brasileiro de Escritores.

Sete anos levei para escrever e publicar o meu primeiro livro “O Ex-Mágico”. Nem por isso ele saiu melhor.

Comecei a ganhar a vida cedo. Trabalhei em uma baleira, vendi livros científicos, fui professor, jornalista, diretor de jornal e de uma estação de rádio. Hoje sou funcionário público.

Celibatário e sem crença religiosa. Duas graves lacunas do meu caráter. Alimento, contudo, sólida esperança de me converter ao catolicismo antes que a morte chegue.

Muito poderia contar das minhas preferências, da minha solidão, do meu sincero apreço pela espécie humana, da minha persistência em usar pouco cabelo e excessivos bigodes. Mas, meu maior tédio é ainda falar sobre a minha própria pessoa.

(Leitura. Rio de Janeiro, setembro de 1949.)

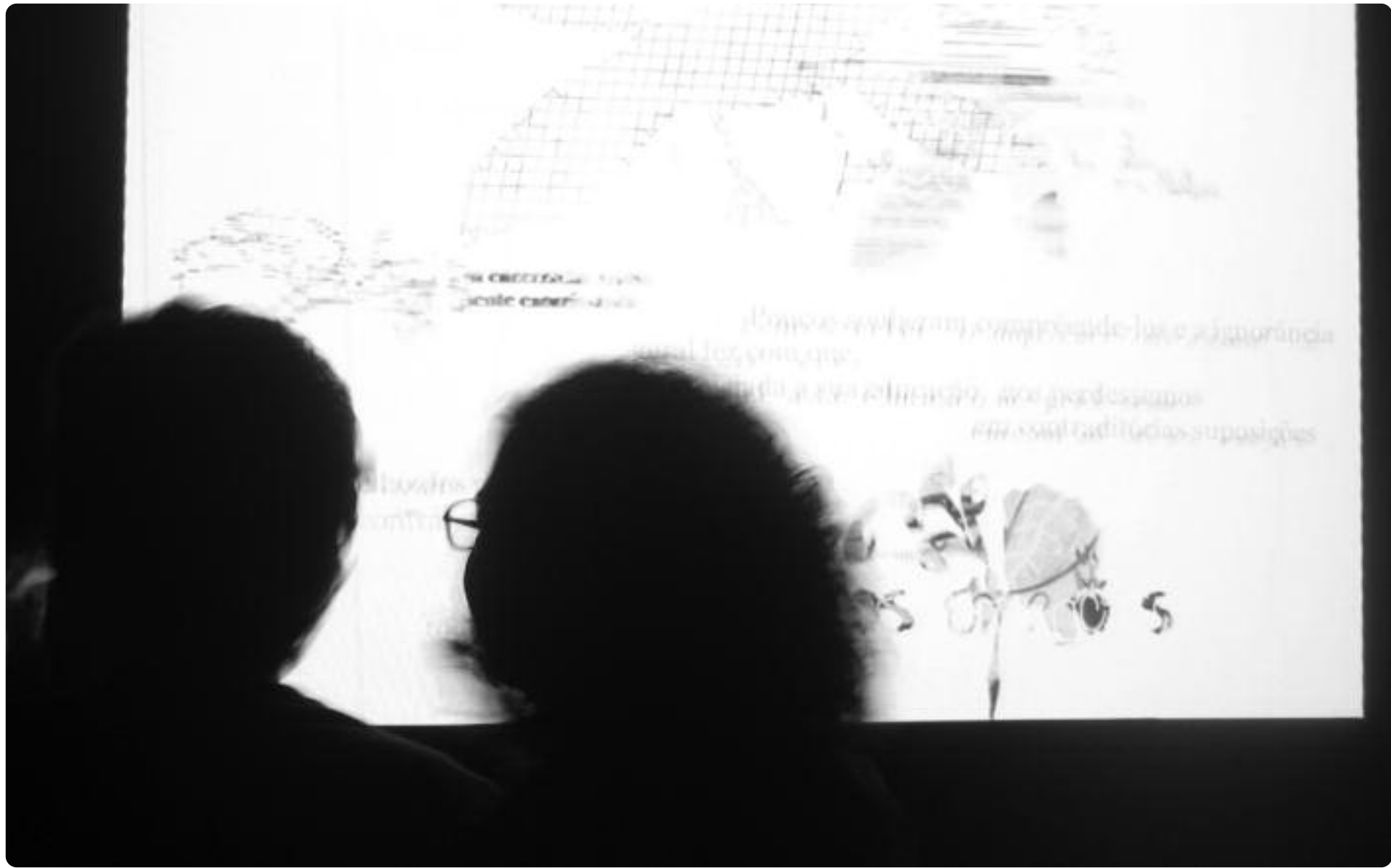


JOÃO CASTILHO sem título | fotografia c print | 100 x 150 cm [cada] | 2006



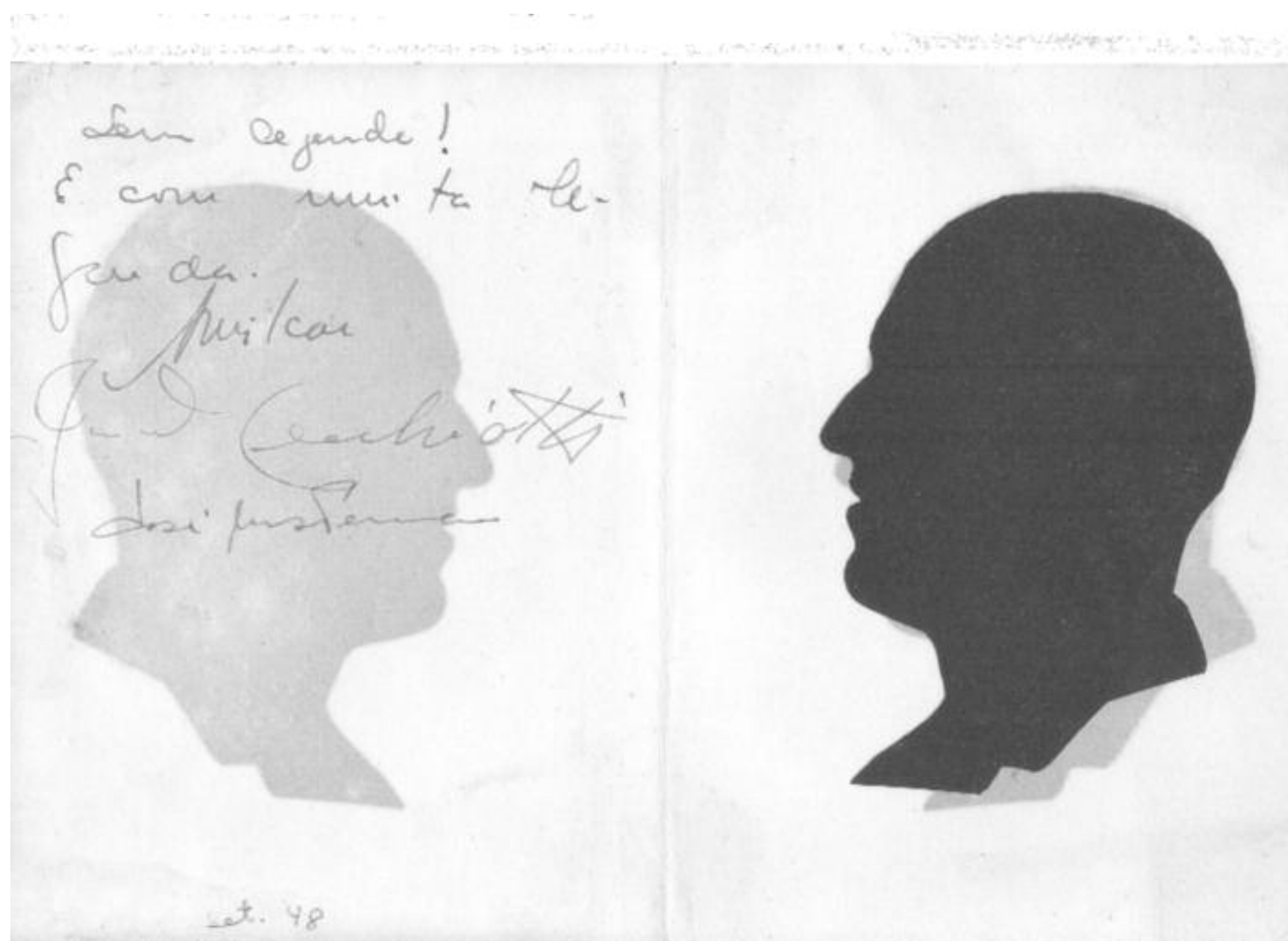


LEANDRO ARAÚJO E ROBERTO ANDRÉS (superficie.org)
instalação interativa a partir da obra *Os dragões*, Nello Nuno, 1966 | programação *actionscript* e sensores | colaboração: Luiz Quinão, Marcelo Marques, Pedro Rates, Pedro Octaviano | produção das luvas: Ana Luisa Coelho | 2006











BÁRBARA

*O homem que se extraviar do caminho
da doutrina terá por morada
a assembléia dos gigantes.*
[Provérbios, XXI, 16]

Bárbara gostava somente de pedir. Pedia e engordava.

Por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos. Em troca de tão constante dedicação, dela recebi frouxa ternura e pedidos que se renovavam continuamente. Não os retive todos na memória, preocupado em acompanhar o crescimento do seu corpo, se avolumando à medida que se ampliava a sua ambição. Se ao menos ela desviasse para mim parte do carinho dispensado às coisas que eu lhe dava, ou não engordasse tanto, pouco me teriam importado os sacrifícios que fiz para lhe contentar a mórbida mania.

Quase da mesma idade, fomos companheiros inseparáveis ma meninice, namorados, noivos e, um dia, nos casamos. Ou melhor, agora posso confessar que não passamos de simples companheiros.

Enquanto me perdurou a natural inconseqüência da infância, não sofri com as suas esquisitices. Bárbara era menina franzina e não fazia mal que adquirisse formas mais amplas. Assim pensando, muito tombo levei subindo em árvores, onde os olhos da minha companheira descobriam frutas sem sabor ou ninhos de passarinho. Apanhei também algumas surras de meninos nos quais era obrigado a agredir unicamente para realizar um desejo de Bárbara. E se retornava com o rosto ferido, maior se lhe tornava o contentamento. Segurava-me a cabeça entre as mãos e sentia-se feliz em acariciar-me a face intumescida, como se as equimoses fossem um presente que eu lhe tivesse dado.

Às vezes relutava em aquiescer às suas exigências, vendo-a engordar incessantemente. Entretanto, não durava muito a minha indecisão. Vencia-me a insistência do seu olhar, que transformava os mais significantes pedidos numa ordem formal. (Que ternura lhe vinha aos olhos, que ar convincente o dela ao me fazer tão extravagantes solicitações!)

Houve tempo – sim, houve – em que me fiz duro e ameacei abandoná-la ao primeiro pedido que recebesse.

Até certo ponto, minha advertência produziu o efeito desejado. Bárbara se refugiou num mutismo agressivo e se recusava a comer ou conversar comigo. Fugia à minha presença, escondendo-se no quintal, e contaminava o ambiente com uma tristeza que me angustiava. Definhava-lhe o corpo, enquanto lhe crescia assustadoramente o ventre. Desconfiado de que a ausência de pedidos em minha mulher poderia favorecer o aparecimento de uma nova espécie de fenômeno, apavorei-me. O médico me tranqüilizou. Aquela barriga imensa prenunciava apenas um filho.

Ingênuas esperanças fizeram-me acreditar que o nascimento da criança eliminasse de vez as estranhas manias de Bárbara. E suspeitando que a sua magreza e palidez fossem prenúncio de grave moléstia, tive medo de que, adoecendo, lhe morresse o filho no ventre. Antes que tal acontecesse, lhe implorei que pedisse algo.

Pedi o oceano.

Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando longa viagem ao litoral. Mas, em frente ao mar, atemorizei-me com o seu tamanho. Tive receio de que a minha esposa viesse a engordar em proporção ao pedido, e lhe trouxe somente uma pequena garrafa contendo água do oceano.

No regresso, quis desculpar meu procedimento, porém ela não me prestou atenção. Sofregamente, tomou-me o vidro das mãos e ficou a olhar, maravilhada, o líquido que ele continha. Não mais o largou. Dormia com a garrafinha entre os braços e, quando acordava, colocava-a contra a luz, provava um pouco da água. Entrementes, engordava.

Momentaneamente despreocuí-me da exagerada gordura de Bárbara. As minhas apreensões voltavam-se agora para o seu ventre a dilatar-se de forma assustadora. A tal extremo se dilatou que, apesar da compacta massa de banha que lhe cobria o corpo, ela ficava escondida por trás da colossal barriga. Receoso de que dali saísse um gigante, imaginava como seria terrível viver ao lado de uma mulher gordíssima e um filho monstruoso, que poderia ainda herdar da mãe a obsessão de pedir as coisas.

Para o meu desapontamento, nasceu um ser raquítico e feio, pesando um quilo.

Desde os primeiros instantes, Bárbara o repeliu. Não por ser miúdo e disforme, mas apenas por não o ter encomendado.

A insensibilidade da mãe, indiferente ao pranto e à fome do menino, obrigou-me a criá-lo no colo. Enquanto ele chorava por alimento, ela se negava a entregar-lhe os seios volumosos, e cheios de leite.

Quando Bárbara se cansou da água do mar, pedi-me um baobá, plantado no terreno ao lado do nosso. De madrugada, após certificar-me de que o garoto dormia tranquilamente, pulei o muro divisório com o quintal do vizinho e arranquei um galho da árvore.

Ao regressar a casa, não esperei que amanhecesse para entregar o presente à minha mulher. Acordei-a, chamando baixinho pelo seu nome. Abriu os olhos, sorridente, adivinhando o motivo por que fora acordada:

- Onde está?

- Aqui. – gritou, cusbindo no meu rosto. – Não lhe pedi um galho. – E virou para o canto, sem me dar tempo de explicar que o baobá era demasiado frondoso, medindo cerca de dez metros de altura.

Dias depois, como o dono do imóvel recusasse vender a árvore separadamente, tive que adquirir toda a propriedade por preço exorbitante.

Fechado o negócio, contratei o serviço de alguns homens que, munidos de picaretas e de um guindaste, arrancaram o baobá do solo e o estenderam no chão.

Feliz e saltitante, lembrando uma colegial, Bárbara passava as horas passeando sobre o grosso tronco. Nele também desenhava figuras, escrevia nomes. Encontrei o meu debaixo

de um coração, o que muito me comoveu. Esse foi, no entanto, o único gesto de carinho que dela recebi. Alheia à gratidão com que eu recebera a sua lembrança, assistiu ao murchar das folhas e, ao ver seco o baobá, desinteressou-se dele. Estava terrivelmente gorda. Tentei afastá-la da obsessão, levando-a ao cinema, aos campos de futebol. (O menino tinha que ser carregado nos braços, pois anos após o seu nascimento continuava do mesmo tamanho, sem crescer uma polegada.) A primeira idéia que lhe ocorria, nessas ocasiões, era pedir a máquina de projeção ou a bola, com a qual se entretinham os jogadores. Fazia-me interromper, sob o protesto dos assistentes, a sessão ou a partida, a fim de lhe satisfazer a vontade.

Muito tarde verifiquei a inutilidade dos meus esforços para modificar o comportamento de Bárbara. Jamais compreenderia o meu amor e engordaria sempre.

Deixei que agisse como bem entendesse e aguardei resignadamente novos pedidos. Seriam os últimos. Já gastara uma fortuna com as suas excentricidades.

Afetuosamente, chegou-se para mim, uma tarde, e me alisou os cabelos. Apanhado de surpresa, não atinei de imediato com o motivo do seu procedimento. Ela mesma se encarregou de mostrar a razão:

- Seria tão feliz se possuísse um navio!

- Mas ficaremos pobres, querida. Não teremos com que comprar alimentos e o garoto morrerá de fome.

- Não importa o garoto, teremos um navio, que é a coisa mais bonita do mundo.

Irritado, não pude achar graça nas suas palavras. Como poderia saber da beleza de um barco, se nunca tinha visto um e se conhecia o mar somente através de uma garrafa?!

FALTA TEXTO AQUI

Voltava desolado. No último carro de uma das numerosas composições que conduziam partes do navio, meu filho olhava-me inquieto, procurando compreender a razão de tantos e inúteis apitos de trem.

Bárbara, avisada por telegrama, esperava-nos na gare da estação. Recebeu-nos alegremente e até dirigiu um gracejo ao pequeno.

Numa área extensa, formada por vários lotes, Bárbara acompanhou os menores detalhes da montagem da nave. Eu permanecia sentado no chão, aborrecido e triste. Ora olhava o menino, que talvez nunca chegasse a caminhar com as suas perninhas, ora o corpo de minha mulher que, de tão gordo, vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraçar.

Montado o barco, ela se transferiu para lá e não mais desceu a terra. Passava os dias e as noites no convés, inteiramente abstraída de tudo que não se relacionasse com a nau.

O dinheiro escasso, desde a compra do navio, logo se esgotou. Veio a fome, o guri esperneava, rolava na relva, enchia a boca de terra. Já não me tocava tanto o choro de meu filho. Trazia os olhos dirigidos para minha esposa, esperando que emagrecesse à falta de alimentação.

Não emagreceu. Pelo contrário, adquiriu mais algumas dezenas de quilos. A sua excessiva obesidade não lhe permitia entrar nos beliches e os seus passeios se limitavam ao tombadilho, onde se locomovia com dificuldade.

Eu ficava junto ao menino e, se conseguia burlar a vigilância de minha mulher, roubava pedaços de madeira ou ferro do transatlântico e trocava-os por alimento.

Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu conseguisse arrastá-lo.

Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à amurada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria.

Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível a seu lado. Fui buscá-la.

Directorio Central Dos Estudante

O Sr. *Murilo Eugenio Rubião*
está inscripto como socio *Aluno*

Sob o N. **3**

Presidente

Francisco de Paula
Socio



FACULDADE DE DIREITO
DA
Universidade de Minas Gerais

Ano letivo de 1942.

O Sr. **MURILLO EUGENIO RUBIÃO**

1942 E.C.T.L.

... serie do Curso de
Bacharelado.

O Director da Faculdade de Direito
Francisco de Paula



Só é valida a
photographla
com o carimbo
da Empreza

ertencente ao Snr.

Murilo Rubião

ESTUDANTE

N. 3297

Não valida
aos Domingos

1933

O proprietario desta gosará
nos ingressos dos Cinemas Bra-
sil e Gloria, do abatimento con-
cedido aos estudantes e
empregados no commercio.



FACULDADE DE DIREITO
DA
UNIVERSIDADE DE MINAS GERAES

MURILLO EUGENIO RUBIÃO

... solo n. 1, no 1.º
Curso de Bacharelado, em 1938.

O Secretario,
Sob...

O Director,
Francisco de Paula



CARTEIRA N.º 349

TIRADO EM DE DE

Nome **DR. MURILLO EUGENIO RUBIÃO**

Profissão **Funcionário Público Estadual**

Belo Horizonte, 9 de AGOS-
to de 1946

Francisco de Paula
Chefe do Serviço de Identificação

Albino Eugenio de Paula
Assistente




FOLHA DE MINAS
Propriedade da S. A. "FOLHA DE MINAS"
REDATOR-CHEFE - GUALTER GONTIJO MACIEL

CAIXA POSTAL 321 - END. TELEG. "FOLHA"

TELEFONES:
Redação 2-4243, Direção e Gerência 2-4244,
Assinaturas e Publicidade 2-4245, Oficinas 2-4246

RUA DA BATA, 834 - BELO HORIZONTE
MINAS

O **dr. Murilo Rubião**
trabalha na Redação deste jornal,
na qualidade de Redator

Residência **Rua dos Goitacazes, 185**
Belo Horizonte, 27 de Julho de 1943

Gualter G. Maciel
Assinatura do Director

Murilo Rubião
Assinatura do portador



Universitario de Minas Geraes
Primeira Secção

Murilo Eugenio Rubião

N.º 69

... primeira serie da secção pro-
prietaria do Collegio Universitario, subordinada à Faculdade
de Direito da Universidade de Minas Geraes.

Belo Horizonte, 20 de Março de 1936

O Secretario,
Francisco de Paula

O Director da Faculdade,
Francisco de Paula





UM ESCRITOR A SERVIÇO DA CULTURA

Murilo Rubião se inscreve na literatura brasileira como fonte genuína de uma vertente depois desdobrada em muitas direções, sobretudo após o impacto causado pela descoberta dos autores hispano-americanos, na década de 70, então em fascinante evidência, a partir de sucessos editoriais na Europa. Mas o certo é que, bem antes de praticamente todos eles, Rubião já exercitava suas artes mágicas na criação do conto que, com o autor mineiro, atinge um dos momentos mais ricos da narrativa curta no universo contemporâneo. Não deixa de ser curioso, e muito brasileiro, que se tenha chegado à importância de Murilo Rubião depois que Paris nos levou a descobrir a pólvora nos Pampas, nos Andes e no Orenoco.

A produção muriliana é relativamente pequena. Ele se tornou, essencialmente, um reescritor. Quer dizer: a partir de um conjunto de textos, Murilo Rubião os vem publicando com algumas alterações que revelam o extremo zelo de seu fazer literário. A riqueza da matéria em permanente elaboração é mais um aspecto enigmático de sua singularíssima personalidade. É claro que textos novos vez por outra se incorporam ao índice, mas o contista jamais se impedirá de reescrever o trecho que o sensibilize para tal. É uma forma de produzir literatura tão significativa quanto à dos que dão por encerrada a obra com a impressão do texto final. Epígrafes retiradas do “Grande Livro”, a Bíblia, sinalizam esse itinerário que, se não é longo, merece mais leituras do que as vezes em que é recriado pelo autor.

Para além da expressão na literatura, é preciso falar, e muito, sobre a contribuição de Murilo à cultura de Minas e do Brasil como paradigma de homem público no setor. Trata-se de outra dimensão extraordinária de seu desempenho criativo. Deve-se a Murilo Rubião o surgimento do Suplemento Literário do *Minas Gerais* e da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP), no governo Israel Pinheiro, sob a ira implacável do regime militar.

O Suplemento Literário, na fase áurea, obteve repercussão internacional e projetou os novos escritores do País, dentro da concepção de Murilo Rubião no sentido de uma linha editorial de vanguarda.

A Imprensa Oficial, a Escola Guignard e a Rádio Inconfidência, das quais foi diretor, e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) dele receberam esplêndida colaboração, registrada nos melhores momentos da abertura dessas instituições para temas culturais de grande alcance. Murilo Rubião jamais compactuou com a mediocridade, e sua presença em organismos públicos teve o efeito saudável de afastar o provincianismo, desmontar o clientelismo político, arejar o espaço para a chegada do novo.

Ele representou aqui o papel antecipador de Gustavo Capanema, um ministro da Cultura exercendo a pasta da Educação e Saúde, do presidente Vargas. Muito antes da criação da Secretaria de Estado da Cultura por Tancredo Neves e José Aparecido, Rubião tinha sido esse secretário sem pasta junto a Juscelino Kubitschek, Bias Fortes e Israel Pinheiro. Na presidência da República, Juscelino o enviou a Madri, onde exerceu uma representação do governo brasileiro, sem perder a dimensão de um adido cultural que ali se instalava.

Artistas plásticos, músicos e atores devem tanto a Murilo quanto os escritores e jornalistas. Rompendo as limitações do tempo, as iniciativas a ele creditadas ainda se mostram em muitos aspectos pioneiras e o que sob seu comando era vital, hoje, infelizmente, não raro se revela destituído de energia, no ramerrão da máquina burocrática.

Visitar a obra de Murilo Rubião em uma mostra é, portanto, como eu disse a Márcio Sampaio, quando começou a organizar este acontecimento de fundamental interesse, palmitar essa multiplicidade de caminhos. É um privilégio para quem, como eu, começou a escrever sob a orientação de Murilo, no Suplemento Literário, poder agora saudá-lo, convidando a todos para que participem desta homenagem justa a um homem que é a própria síntese da cultura dos mineiros.

ÂNGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

Texto elaborado especialmente para a mostra *Murilo Rubião, Construtor do Absurdo*, Belo Horizonte, 1991

Empenhar a palavra para realizar o pesadelo da existência, sem tirar os elementos que inauguram a poesia, não é ofício raso. Abrigar sob a língua o pensamento, sem interromper o tráfego do real, do simbólico, do imaginário, em surpreendentes ocorrências, não delimitando fronteiras para melhor estar em sintonia com a alma do homem, é tarefa que exige profundidade e lentidão. Profundeza capaz de tornar a superfície uma absoluta conquista.

Lentidão, para depois do naufrágio, percorrer, sem desassossego, todo o circular horizonte.

Para Murilo Rubião, tais alianças se entrelaçam sem estranheza, sem nós aparentes, configurando uma escrita de tão imensa mansidão e “natureza”, que ao leitor o insólito de cada personagem não se faz absurdo. A luminosidade que ele derrama sob os enigmas e perplexidades apascenta o convidado, permitindo sua ausência para cear seu próprio mistério.

E mais longe nos leva sua obra. Ele sabe que não basta vislumbrar os fantasmas, pressentir seus flagelos, exultar suas supremacias ou recolher seus preceitos. Empunhado pelas palavras, Murilo Rubião atravessa o fantasma, retalhando sua carne tendo como instrumento o verbo, sem desprezar a beleza - atributo propício para conferir dignidade ao obscuro do humano.

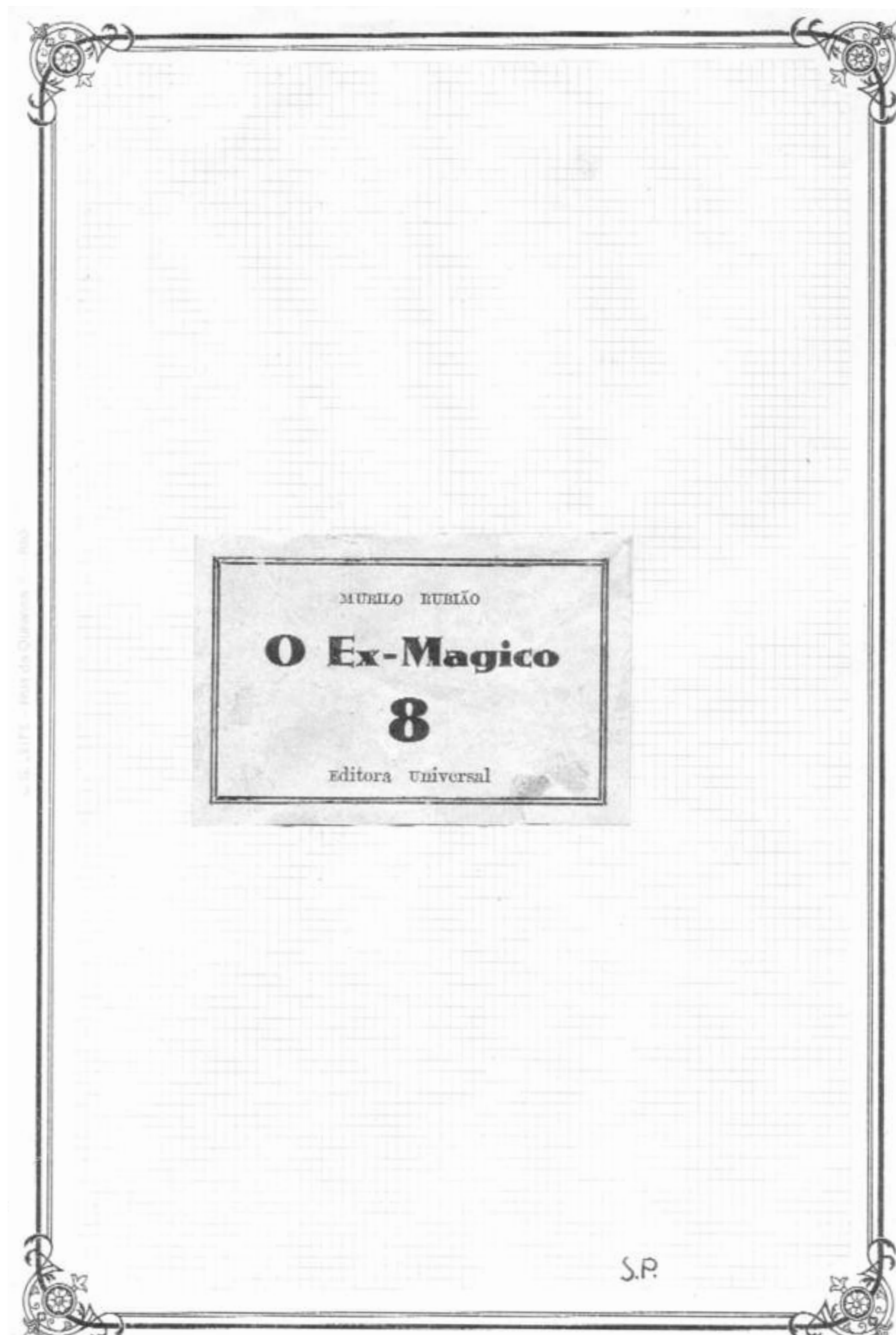
Entre profecias que se formulam em símbolos e imagens como aquelas de Zacarias; entre exageros da natureza dada, como aquela da espontaneidade desmedida dos girassóis, Murilo Rubião, embriagado de lucidez, estabelece sua escrita onde cada personagem dialoga, primeiramente, com a sua irremediável e inteira solidão. Assim, tudo se faz possível, menos a completude do homem na terra.

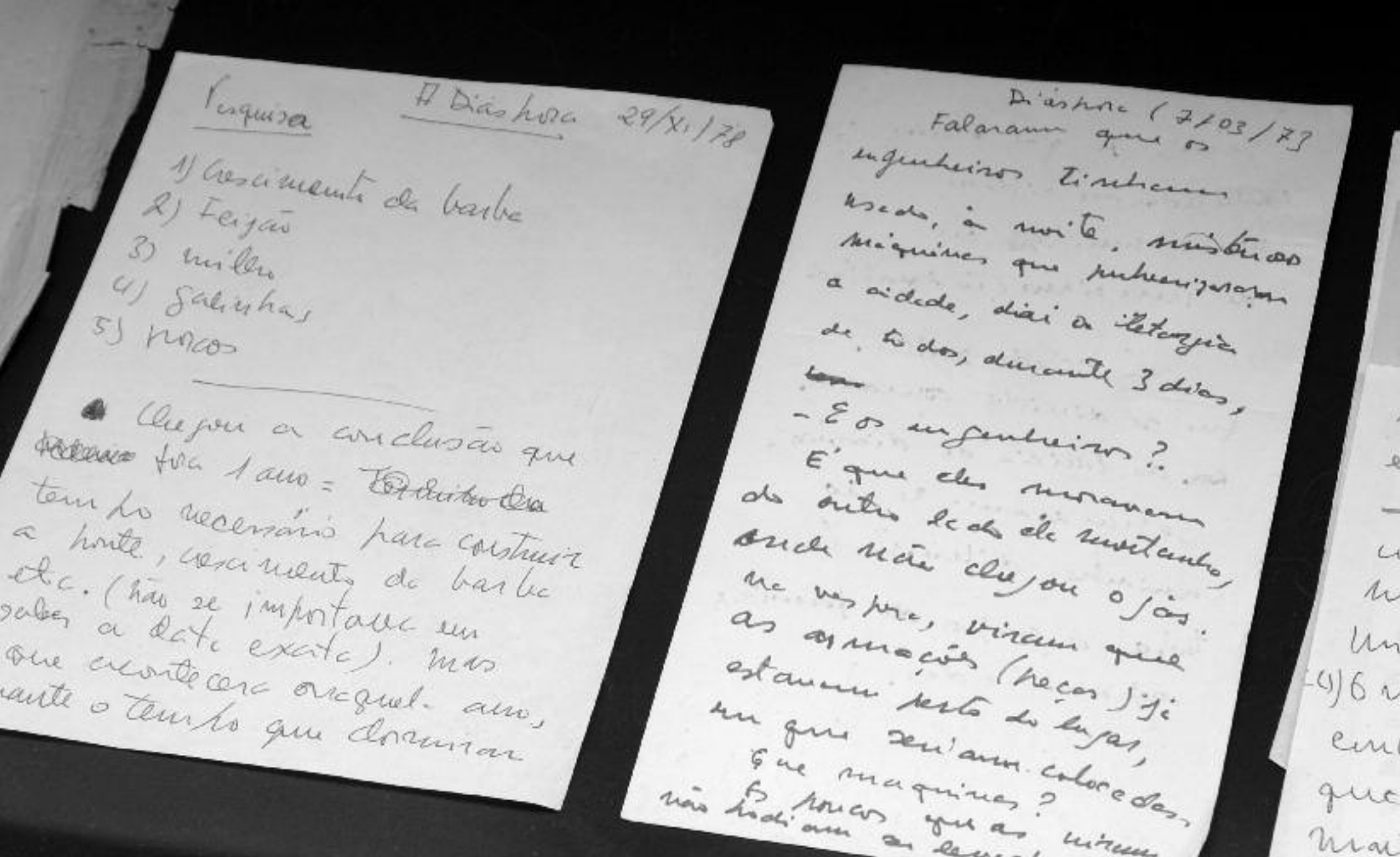
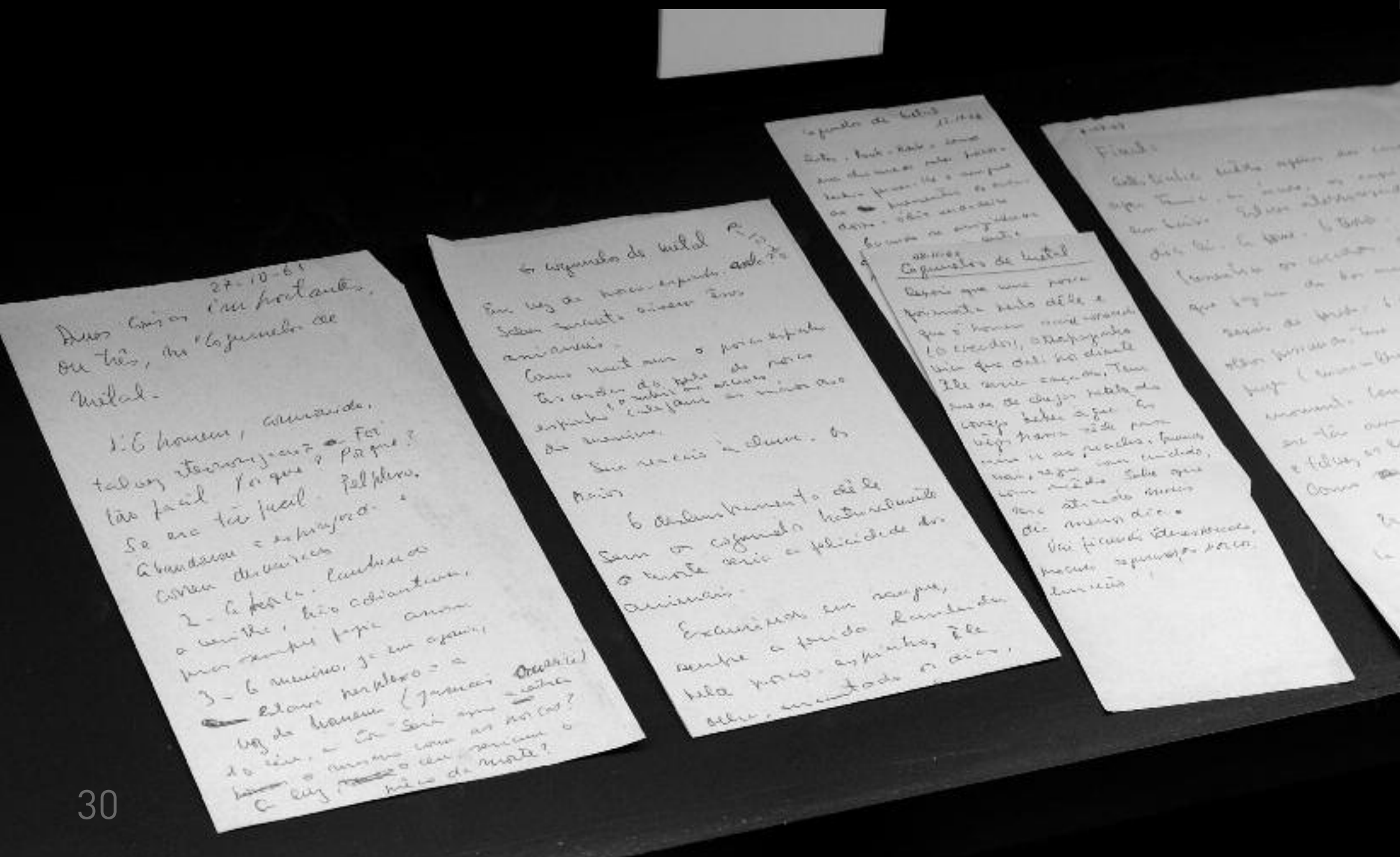
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS





Exposição MURLIANA | vista parcial





Cartas, caricaturas e originais diversos | vista parcial da exposição
Arquivo de Escritores Mineiros da UFMG

Rio, 9 novembro 1947.

Meu caro Murilo:

O "Ex-Moço" é uma delícia. Ele me transporta para além de nossos limites, sem entretanto jamais perder pé no real e no cotidiano. Seu universo é igual ao de nós todos e, ao mesmo tempo, é um universo que se liberta das leis da circulação humana e da lógica formal. É por mais abundas que sejam as novas relações estabelecidas por V. entre as coisas e o homem, a verdade é que elas não são mais abundas do que as condições da vida normal, controlada pela razão: eis a lição amarga que se tira de sua saída, tão política e técnica de invenção. Meu abraço pelo selo laranja, e que ele seja compreendido em todas as suas perspectivas e planos superpostos. Com a afetuosa admiração do seu

Carlos Drummond

Muito: subscrevo inteiramente. Também um abraço da
Margarida.

Rio, 29 setembro 1948

Meu grande Murilo Rubião:

seu vagamente, por ouvir dizer, que V. mudou de casa. Sem que eu tivesse retardado o quanto podia seu Tolens vel o agradecimento pela sua aventura de A Casa do Girassol Vermelho. Muito obrigado pela viagem que V. nos propôs não no seu mundo mágico, poético e "essencial". Breve irei pagar a visita de sua flor vermelha com oudas do meu Beirão. Ela que está carente a última instância tipográfica.

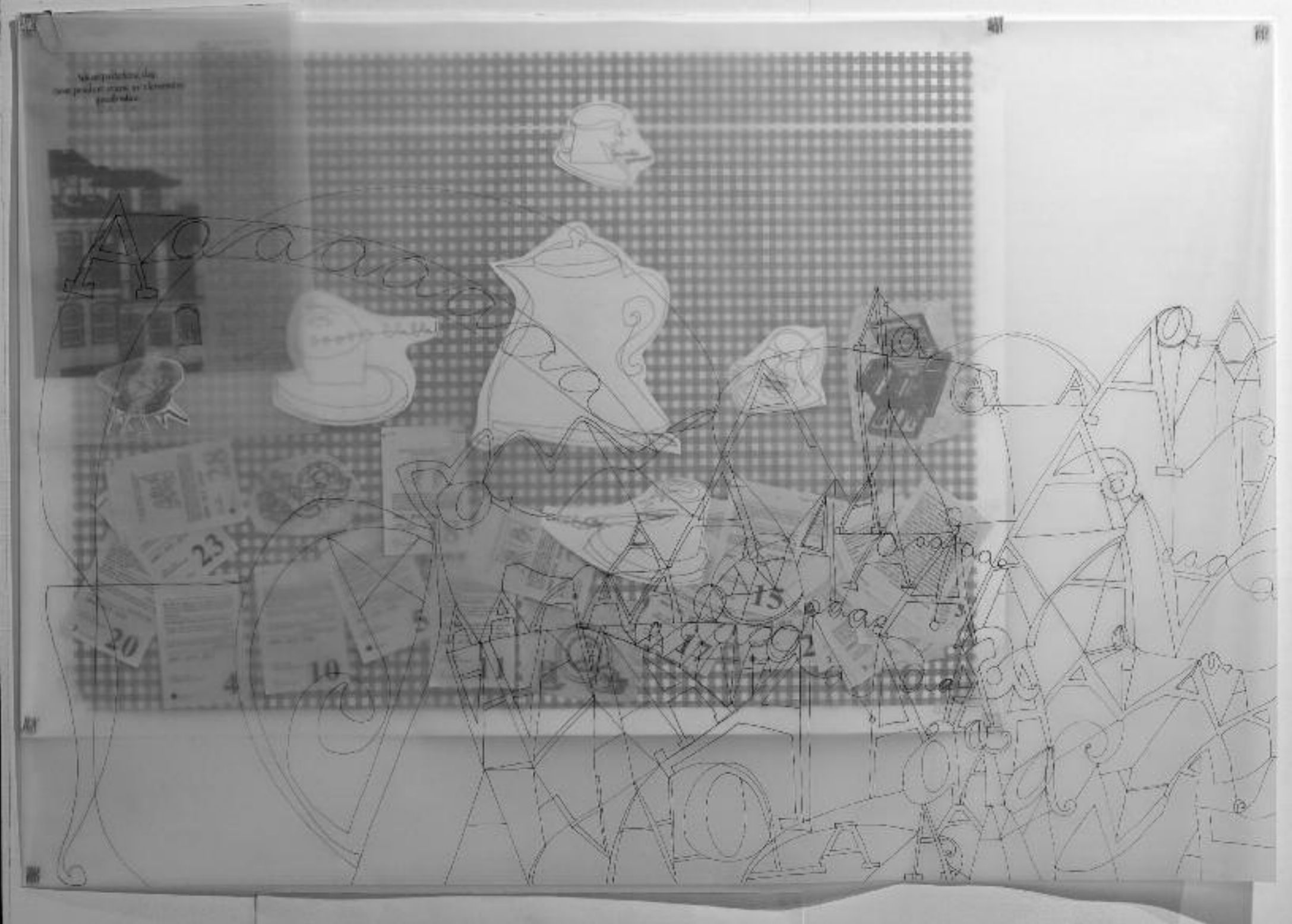
Vou a Bhoré nos 11 e 12 de outubro.

Um afetuoso abraço do seu,

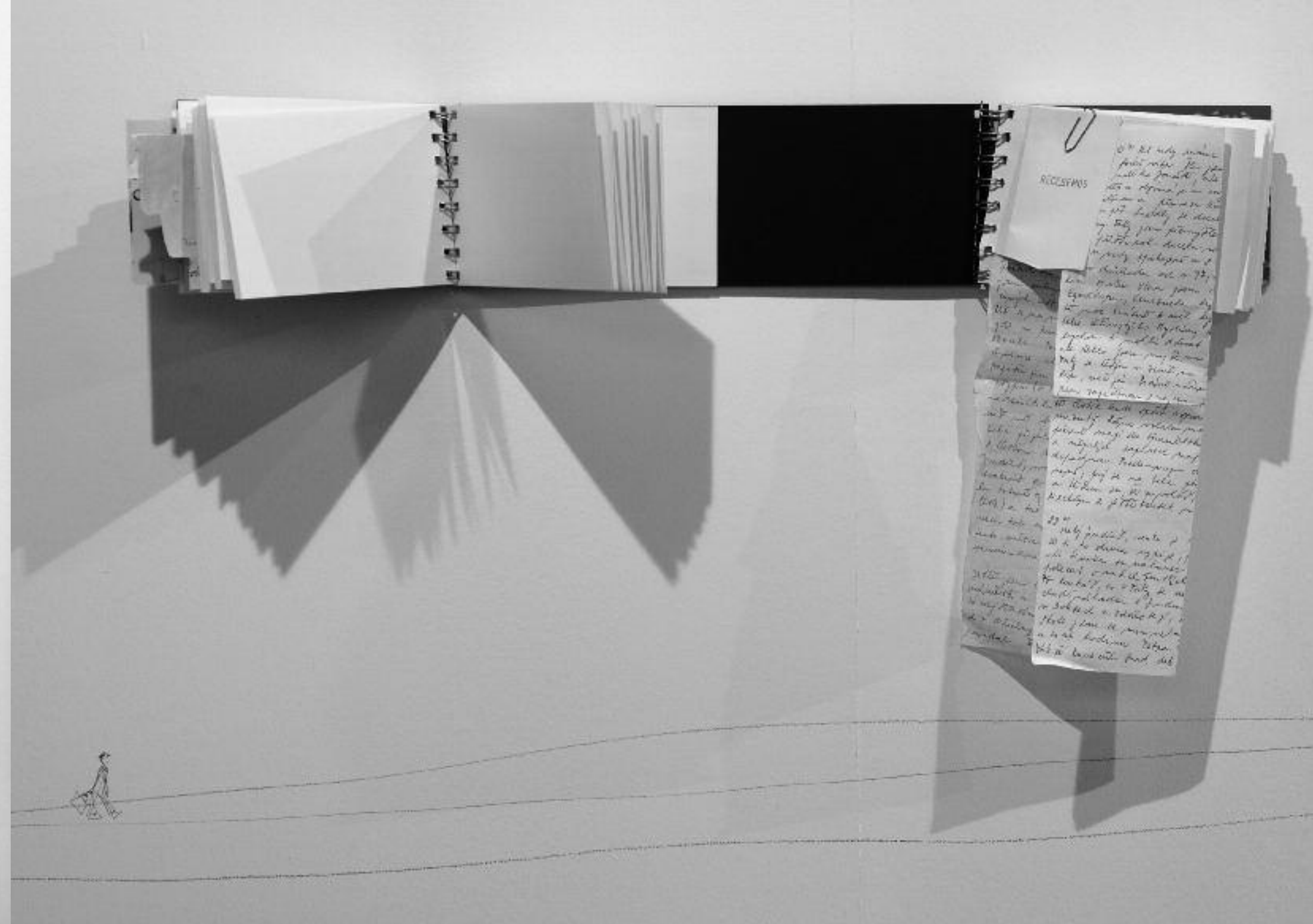
Pedro Nave

ARCA MURILIANA: Instalação originada de uma ação coletiva, com participação de artistas, estudantes e crianças, difundida via *e-mail*. Tendo como referência a figura bíblica de Noé, todos foram convidados a fazer a transposição criativa da obra de Murilo Rubião, povoada de animais, seres zoomorfos e criaturas híbridas, que se metamorfoseiam, em estreita convivência com seres humanos. Não houve processo seletivo e todos os trabalhos recebidos estão expostos.





ADRIANA LEÃO desenho sobre parede | 1838 x 275 cm | 2006



muritiana



Murilo Rubião e amigos | Acervo de Escritores Mineiros da UFMG



Introdução
Diáspora 7/XI/77

(Dar, inicialmente,
para publicações em revista ou
jornal, o título - A PONTE -)

A cidade adormeceu, em
certo tempo. Muitos quiseram
explicar o acontecimento como
derivado de uma máquina que,
à noite, quando todos estavam
adormecidos, passavam soltos.
Os sapatos ~~de~~ ^{de} ~~eram~~ ^{eram} ~~perguntas~~ (abir-
tões?)

• Mas o fato é que a ponte
estava lá. Luminosa e brilhante.
A preocupação maior não era
a causa, mas o tempo em
que estiveram adormecidos.
(hebraístas)

1978 A Diáspora <sup>Dois lados
(ver ambos
contos)</sup>

~~Os~~ não encontraram o espelho, ^{os}
e há uns não tinham comidos!
Uns diziam que, pelo crescimento
das árvores, devia ter tido um
ano. Outros, mais exagerados,
diziam que tinham sido 200.

3 -

- unhas
- galinhas
- ratos
- cabelo (mulheres e crianças)
- barba
- cabelos brancos

As clofe, amargadas, se lhe
insinuava de vez, o tempo perdido,
o tempo perdido.
Quando volvia atrás (o mais
frequentemente, diziam: "Ei,
do outro lado, sabem?")

Inquirição A Diáspora 29/XI/78

- 1) Crescimento da barba
- 2) Feijão
- 3) milho
- 4) galinhas
- 5) ratos

• Chegou a conclusão que
~~preciso~~ ^{preciso} ~~fora~~ ^{fora} 1 ano = ~~tempo~~ ^{tempo}
tempo necessário para construir
a ponte, crescimento da barba
etc. (não se importava em
saber a data exata). Mas
o que aconteceu naquele ano,
durante o tempo que dormiram

Em meados da década de 80, Murilo Rubião perdeu, em um táxi, em Belo Horizonte, os originais de um livro inédito - A diáspora. Apesar de o fato ter sido amplamente divulgado na época, o material jamais foi recuperado. Apenas o conto que daria nome ao livro foi reescrito e publicado em *Contos Reunidos*, de 1998. No acervo do escritor, após a sua morte, foram encontrados a estrutura do livro, as epígrafes escolhidas e vários manuscritos com fragmentos de alguns dos contos. O material, exposto ao público agora pela primeira vez, revela também aspectos do processo criativo de Murilo Rubião.

ÍNDICES E EPÍGRAFES DE A DIÁSPORA

- 00 - Do livro "Treme toda a terra diante da sua face porque ele estabeleceu a redondeza imóvel." - Paralipômenos, XVI, 30.
- 1 X 01 - A Diáspora "E eles saberão que eu sou o Senhor quando os tiver espalhado entre as gentes, e os lançar dispersos por vários países". - Ezequiel, XII, 15
- 2 X 02 - A Greve "E que se responderá então aos mensageiros das nações?" - Isaías, XIV, 32.
- 3 X 03 - Porta de Alcalá "A atribulação o aterrorará e a angústia o cercará, como a um rei que se prepara para a batalha." Job XV, 24.
- 4 X 04 - Cogumelos de Metal "Embaraçadas são as veredas dos seus passos; andarão sobre o vazio, e perecerão." Job, VI, 18.
- 05 - O Pombo "Como pode ser que um persiga a mil e dois façam fugir a dez mil?" - Deuteronômio, XXXII, 30.
- 5 X 06 - O Contrabandista "E tinha na sua direita sete estrelas, e saía da sua boca uma espada de dois fios, e o seu rosto resplandecia como o sol na sua força." - Apocalipse, I, 16.



1



3



2



4



5



6



7

- 1 Murilo Rubião com os pais e irmãos, 1942.
- 1 Murilo Rubião, Emílio Moura, Otto Lara Resende, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, 1943.
- 1 Murilo Rubião e João Cabral de Melo Neto, Madri, 1959.
- 1 Murilo Rubião, João Camilo, Aníbal Machado, Cyro dos Anjos, Oswald de Andrade, Sinésio Murta e Emílio Moura, 1941.
- 1 Murilo Rubião e Juscelino Kubitschek.
- 1 Murilo Rubião e Oswaldo França Júnior.
- 1 Murilo Rubião, Fábio Lucas, Ildeu Brandão, Luiz Gonzaga Vieira, Humberto Werneck e outros.
- 1 Murilo Rubião, Mary Vieira, Lúcia Machado de Almeida, Chanina e Márcio Sampaio.
- 1 Murilo Rubião, Pedro Nava e Abgar Renault.
- 1 Murilo Rubião e Murilo Mendes.
- 1 Murilo Rubião e Autran Dourado.
- 1 Maria Lea de Oliveira, Affonso Ávila, Rui Mourão, Fábio Lucas, Henriqueta Lisboa, Lúcia Machado de Almeida.
- 1 Murilo Rubião e o irmão Paulo.
- 1 Murilo Rubião, Magda Tagliaferro, Marques Rebelo e Dante Vigiano.
- 1 Murilo Rubião aos 6 meses.
- 1 Murilo Rubião, Eduardo Frieiro e Ayres da Mata Machado.
- 1 Murilo Rubião e Lygia Fagundes Teles.
- 1 Murilo Rubião, seu pai e irmão.
- 1 Murilo Rubião, no inverno na Espanha.
- 1 Murilo Rubião, Marques Rebelo, Cornélio Penna, João Camilo de Oliveira Torres.
- 1 Murilo Rubião, Edgar Godoy e outros.
- 1 Murilo Rubião na Espanha.
- 1 Murilo Rubião, na formatura em Direito.
- 1 Murilo Rubião e Emílio Moura.
- 1 Murilo Rubião, Emílio Moura e outros – encontro da Associação Brasileira de Escritores.
- 1 Vista da Vila de Silvestre Ferraz, terra natal de Murilo Rubião.
- 1 Murilo Rubião (vista da Praça 7).
- 1 Murilo Rubião e Jorge Schwartz.
- 1 Murilo Rubião, Milton Campos, Cyro dos Anjos e Emílio Moura.
- 1 Alphonsus de Guimaraens Filho, Hélio Pellegrino, Mário de Andrade e Murilo Rubião, 1944, no Parque Municipal.
- 1 Otto Lara Resende, Murilo Rubião, Fernando Sabino e Hélio Pellegrino, 1943.
- 1 Murilo Rubião e amigos.
- 1 Murilo Rubião, em seu apartamento da av. Augusto de Lima (crédito:Humberto Nicoline).
- 1 Murilo Rubião na av. Augusto de Lima esquina com rua Espírito Santo (crédito Humberto Nicoline).
- 1 Murilo Rubião, Roberto Drummond e Luiz Vilela.



10



8



9

11



12



15



14



13



16



17



18



20

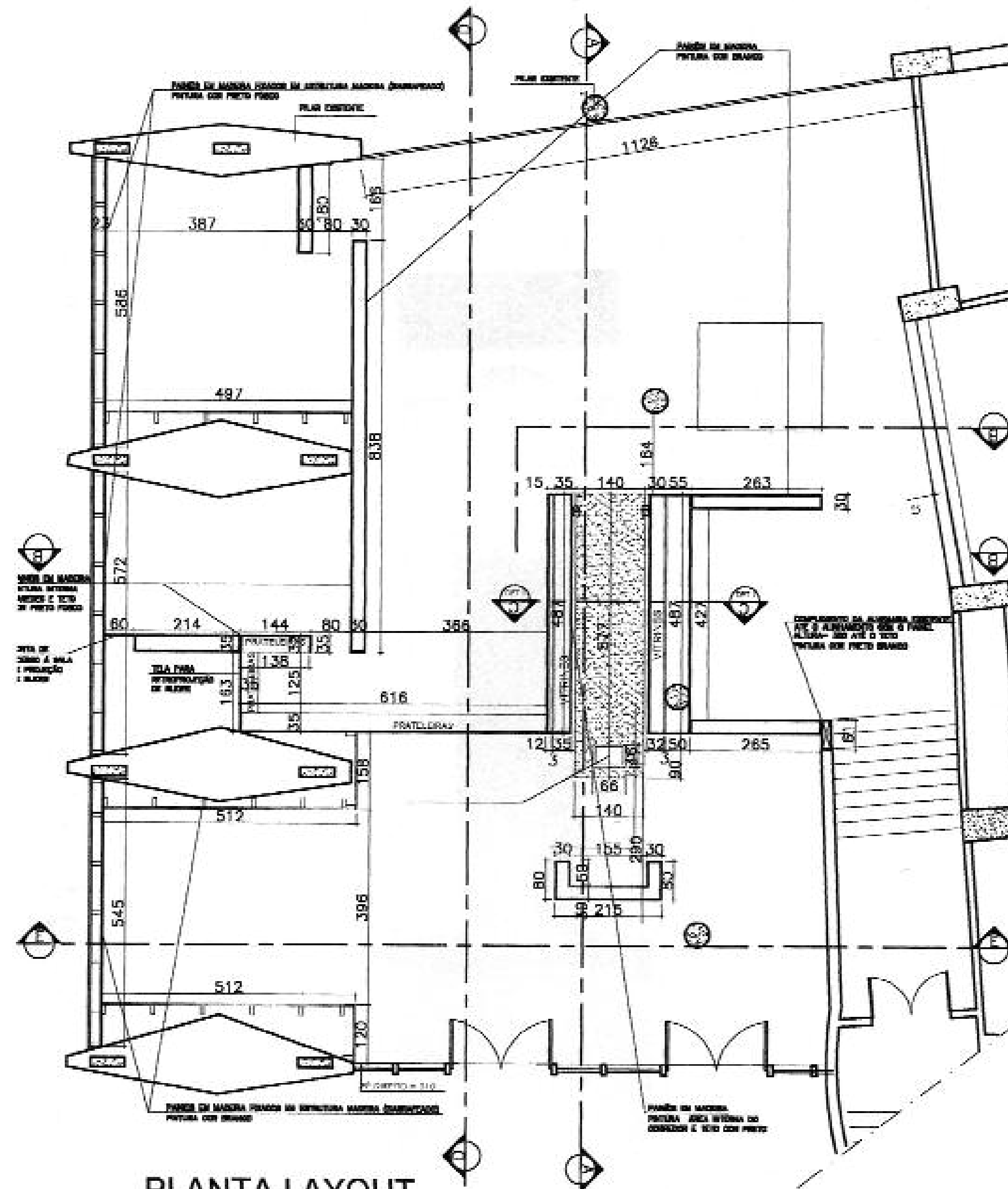


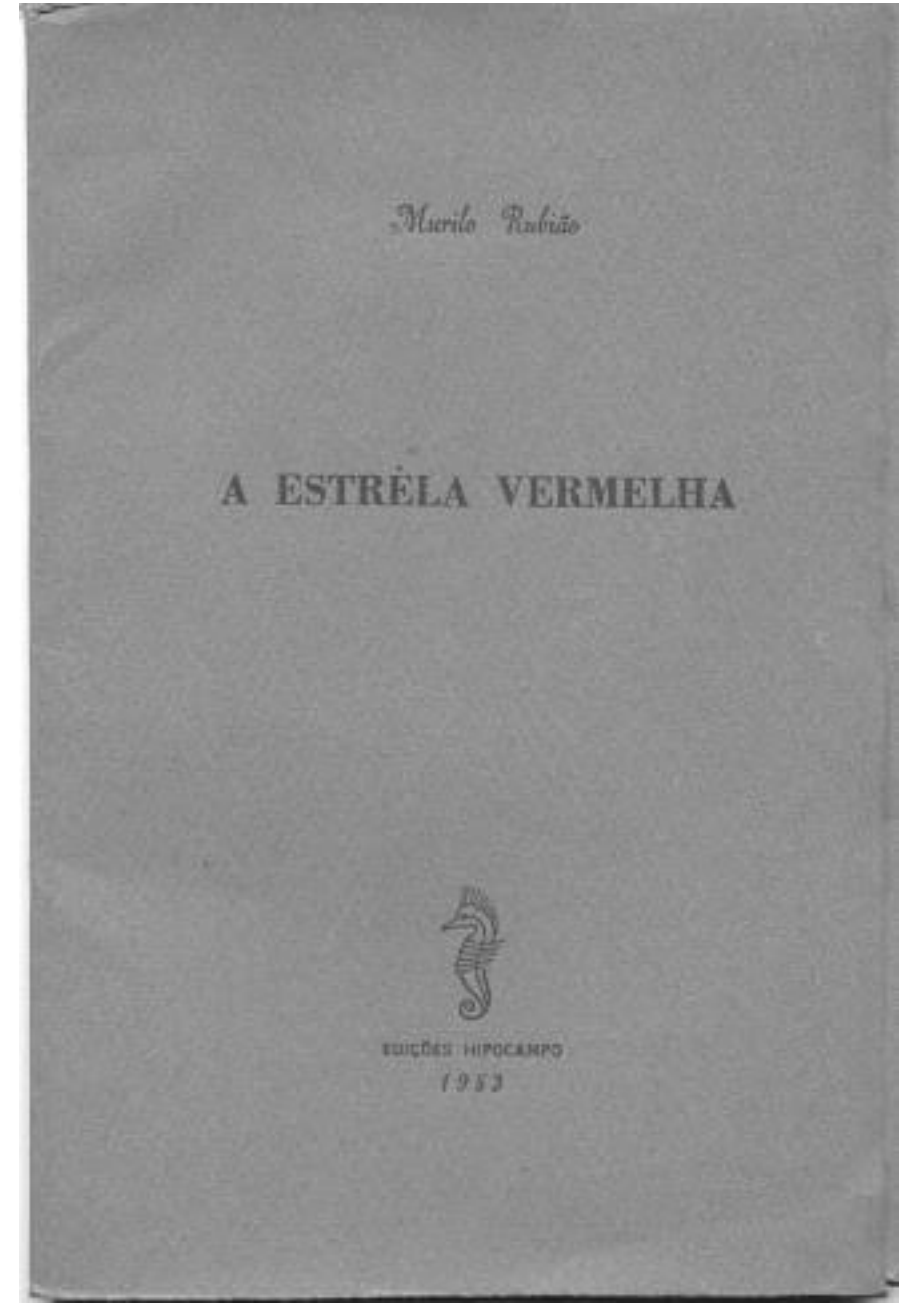
21



19

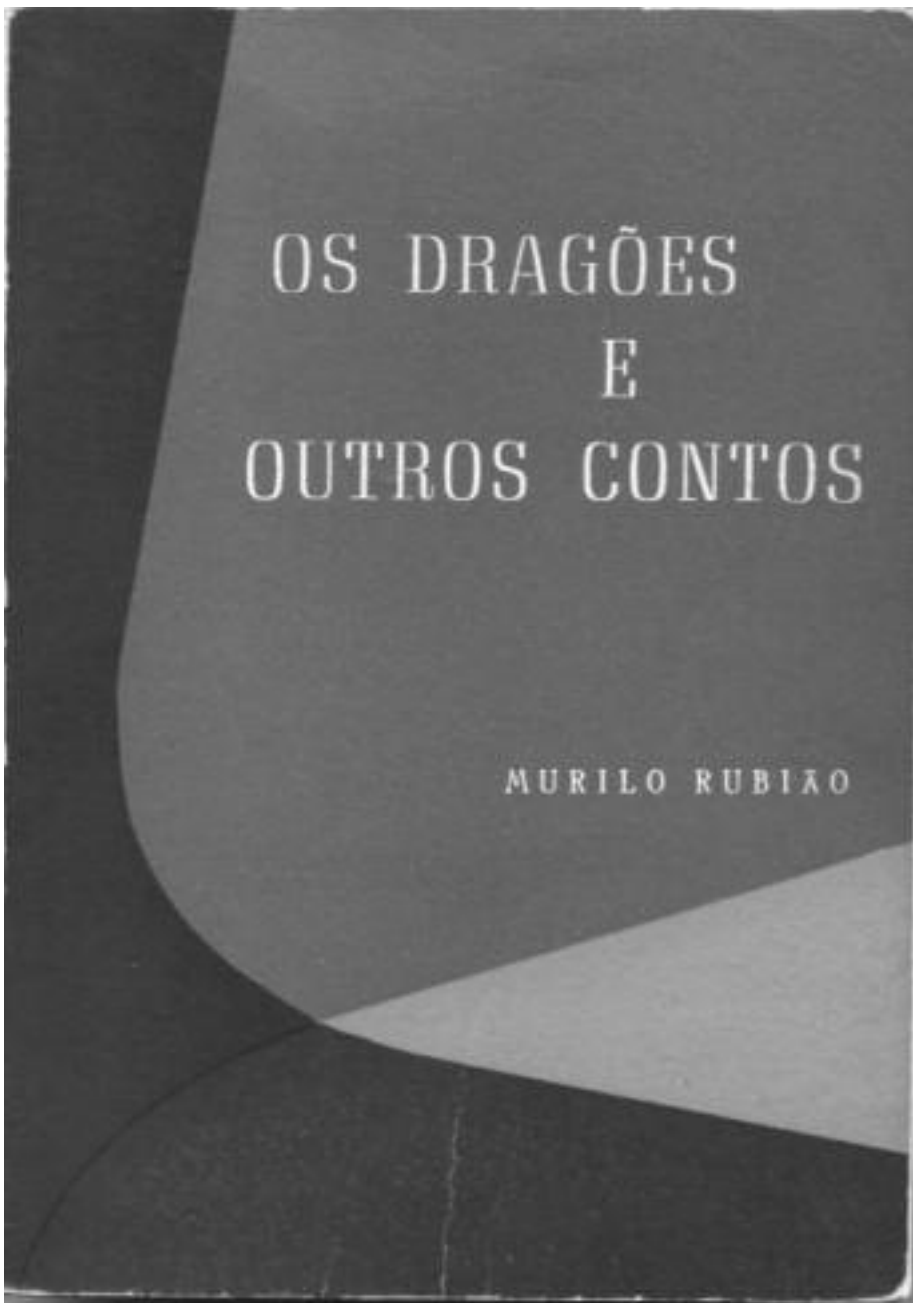






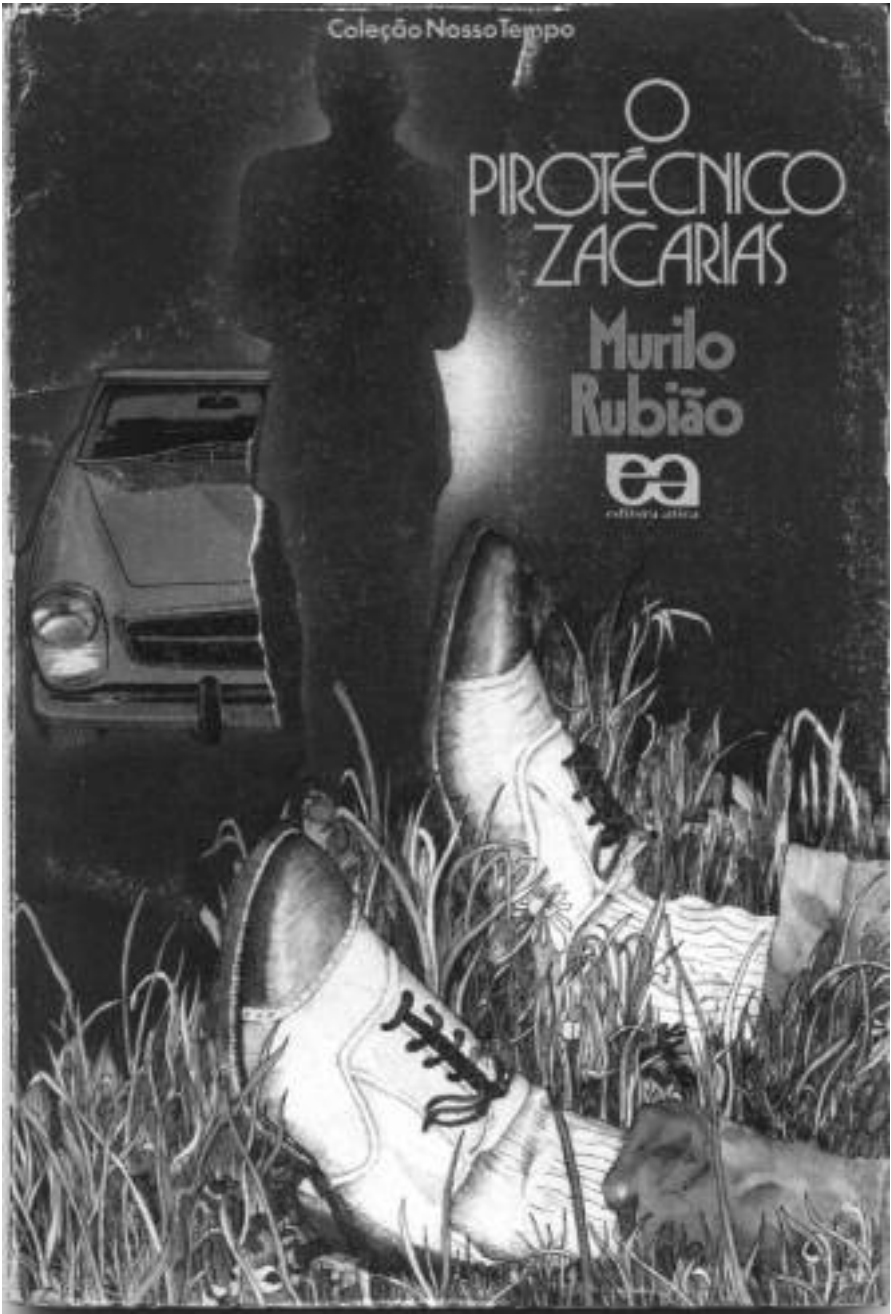
capa livro *Os Dragões e outros contos* | 1ª edição | 1965 | Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

capa livro *A estréla vermelha* | 1ª edição | 1956 | Acervo de Escritores Mineiros da UFMG



capa livro *O ex-mágico* | 1ª edição | 1947 | Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

capa livro *O pirotécnico Zacariasias* | 1ª edição | 1974 | Acervo de Escritores Mineiros da UFMG



APRESENTAÇÃO

Cumprindo mais uma etapa de seu atual programa de renovação, o «Minas Gerais» lança hoje o «Suplemento Literário», de publicação semanal e que circulará regularmente com a edição de sábado. A função precípua de "Órgão Oficial dos Poderes do Estado» em nada contraria o propósito de apresentar este jornal caráter mais amplamente informativo durante vários decênios da história do «Minas Gerais», tradição interrompida temporariamente e que ora se procura retomar. Melhor ainda se insere na presente fase renovadora o lançamento de um suplemento dedicado à literatura e à arte em geral, providência que se compreende também no plano cultural do governo. Justo, portanto, que neste primeiro número se faça menção dos nomes do Governador Israel Pinheiro e do seu digno auxiliar, o jornalista Raul Bernardo Nelson de Senna, ex-Diretor da Imprensa Oficial que, na

sua profícua gestão, teve a esclarecida iniciativa de criar o «Suplemento Literário».

Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova secção do «Minas Gerais» contém o essencial de um programa consciente. Deibramos reivindicar a importância da literatura, frequentemente negada ou discutida. Para começar, tomamos o termo na acepção mais ampla.

Nessa ordem de idéias, o «Suplemento Literário» vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincialismo.

O ansio de atingir a esquivia perfeição com-figura a chamada mineiridade, na opinião de

alguns. Porque clientes e conscientes dos laços negativo e positivo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível. Para tanto, a Comissão de Redação dará o máximo de si mesmo, para poder exigir igual esforço dos demais escritores da equipe responsável. O trabalho solidário há de superar fraquezas e deficiências.

Esperamos reviver significativa tradição deste jornal, que a história das letras em Minas não deixou de registrar. Alguns entre os mais influentes escritores de hoje publicaram no «Minas Gerais» as primeiras manifestações de seu talento, em poesia e prosa. Ombrearão então com autores já consagrados pela crítica e pelo público. De maneira idêntica procederemos agora, em relação a novos e a colaboradores de conceito firmado.

Valham as intenções deste programa. Assim nos seja dado cumpri-lo.

MINAS GERAIS

Suplemento literário

BELO HORIZONTE — SÁBADO, 3 DE SETEMBRO DE 1966

ANO I

N. 1 — Preço Cr\$ 150

O PAÍS DOS LATICÍNIOS

Bueno de RIVERA

O país dos úberes, região da paz bovina!

Aqui as árvores amamentam aves, bichos e crianças.

A nossa lua é um seio branco: chove leite sobre os campos.

Verdes vales longos pastos onde os trilhos dão no córrego.

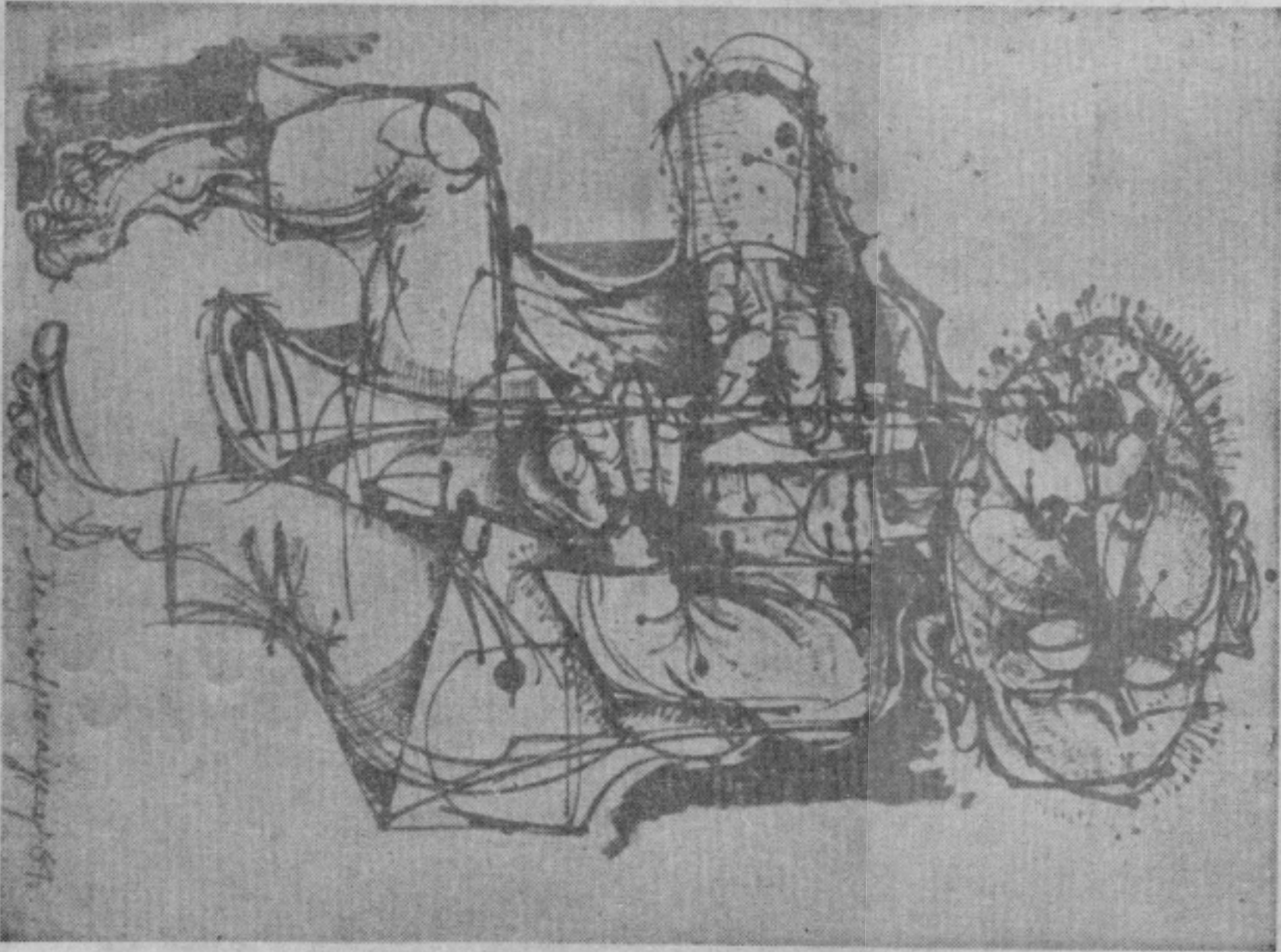
Mansas casas de varandas açucenas e quintais.

Muro de rosas juritis lardes de aboio laranjais.

Aguaúdas de sol e sombra, porteiros da solidão.

Neste descampado reina a vaca mãe do touro mãe do ouro mãe dos homens.

Neste descampado sofre o boi boi de corte boi de corte sono boi.



ALVARO APOCALYPSE:

do folclore ao surrealismo

Depois de pesquisar muitos temas, principalmente folclóricos, Alvaro Apocalypse — primeiro prêmio de desenho no último Salão da Prefeitura e professor de desenho no Curso de Belas Artes da UFMG — dedica-se agora a uma fase surrealista, que é mais uma consequência de seus trabalhos anteriores do que propriamente uma descoberta de hoje.

Nos seus mais recentes trabalhos, notamos um artista participante, intelectual e inventivo; um profundo conhecedor da técnica do desenho que a domina e a usa para uma melhor comunicação. Em Alvaro Apocalypse, há o gosto pela fábula do futuro que se mescla com uma leve ironia e noções de grande sutileza.

Este catálogo registra pesquisa, ações e trabalhos da exposição MURILIANA: MURILO RUBIÃO 90 ANOS realizada na Espaço Mari’Stella Tristão, Palácio das Artes entre os dias 4 de setembro a 8 de outubro de 2006 em Belo Horizonte, e na Galeria Hideo Kobayashi, Centro Cultural Usiminas entre os dias 30 de outubro a 10 de dezembro de 2006, Minas Gerais.

PATROCÍNIO EXCLUSIVO
USIMINAS

COORDENAÇÃO GERAL
Sílvia Rubião

CURADORIA
Claudia Renault
Marcio Sampaio
Marconi Drummond

EXPOGRAFIA E PROJETO DE ARQUITETURA
Cecília Silvestre
Marconi Drummond

PROJETO GRÁFICO E SINALIZAÇÃO
Marconi Drummond

TEXTOS
Ângelo Oswaldo de Araújo Santos
Bartolomeu Campos de Queirós
Marcio Sampaio

REVISÃO
Beatriz Sampaio

PRODUÇÃO EXECUTIVA E ASSESSORIA DE IMPRENSA
Conceito Comunicação Estratégica
José Eduardo Gonçalves

SITE
Mondoweb design

ACERVO: DOCUMENTOS E FOTOGRAFIA
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

VÍDEO
Imago

FOTOGRAFIA
Daniel Mansur

MONTAGEM E MONITORIA
Alunos Escola Guignard/UEMG
Lúcia Dias Fontes
Rafael Soares
Sérgio Arruda

Ângelo Celso Rocha Carvalho
Alvimar Tiago dos Reis
Flavia Cristina de Almeida
Flávio Célio Rodrigues Oliveira
Livia Carla Barroso Dayrell
Marcio Otávio Ferreira Pereira

ARTISTAS CONVIDADOS
Adriana Leão
Fabiano Barroso e Piero Bagnariol (Graffiti 76% Quadrinhos)
Gabriela Rangel
João Castilho
Leandro HBL
Leo Brizola
Marco Paulo Rolla
Marco Túlio Resende
Mario Zavagli
Nello Nuno
Roberto Andrés e Leandro Araújo

ARCA MURILIANA/AÇÃO COLETIVA
Participantes:
Alexandre Cazuza Lima
Ana Fátima Carvalho
Ana Luisa C. de Magalhães / Diogo Damasceno P. Santos
Arthur Pereira
Arthur Renault Rios Neto
Bianca Pena Solléro
Cândida Soares Leão Teixeira
Carolina de Oliveira Sabino – Professora Matilde
Cícero Lara Campos
Clara Marina
Daniel Coury
Edimilson Andrade
Eliana Rangel
Escandar Alcici Curi
Escola Municipal Cônsul Antônio Cadar (vários alunos)
Espaço Cultural Parangolé (vários alunos)
Felipe José Gontijo / Luiz Felipe de Souza Quintão
Fernanda de Souza Quintão
Flávia de Brito
Flávio C. R. Oliveira
Gilberto Macruz Inácio
Glória Maria Arreguy Maia
Henrique Torres Mourão
Ione de Medeiros
Jeanne Terra
Luciene Bernardes
Luna Penido Monteiro
Konstantin Christoff
Leandro Acácio
Madu
Mara Faria
Marcio Sampaio
Maria José Fonseca
Marina Miranda Campos
Maximo Casasanta La Torre
Mirele Brant
Nádia Abdo
Nairza Santana de Almeida Silva
Olanira Anversi
Rafael Soares
Ramon Faria Rita de Cássia M. C. L. Viana
Sandra Vieira de Figueiredo
Sérgio Arruda
Tiago Souza Gonçalves Cangussú
Tiago Torrisellie
Vitor Mota Silva

AÇÃO COLETIVA/PROJETO PARALELO: STICKERS
Rangel Luiz Malta
Rafael Sérgio Silveira [Bn-Boneco]
Cássia Macieira
Aléxia Melo

PROGRAMA MURILO RUBIÃO/SESSÃO DE CURTAS
Cine Humberto Mauro/Palácio das Artes

O Ex-Mágico da Taberna Minhota/ Contos da Meia Noite
(Éder Santos, 2003, 12’ – exibição em dvd)

O Ex-Mágico da Taberna Minhota
(Rafael Conde, 1996, 34’ – exibição em dvd)

O Pirotécnico Zacharias
(Rodolfo Magalhães, 1991, 8’ – exibição em dvd)

Zacharias
(Paulo Laborne, 1979, 10’ – exibição em 16mm)

A Armadilha
(Henrique Faulhaber, 1978, 7’ – exibição em 35mm)

O Bloqueio
(Cláudio de Oliveira, 2002, 10’ – exibição em 35mm)

PROGRAMAÇÃO PARALELA
Projeto “Sempre um Papo”, com o lançamento da reedição da obra de Murilo Rubião, pela Cia das Letras. Participação de Camila Diniz, Eneida Maria de Souza, Humberto Werneck e Sérgio Alcides, dia 19 de setembro, Sala Juvenal Dias | Palácio das Artes.

ACERVO EXPOSTO
O ex-mágico
casaca e projeção
171 x 270 x 35 cm
1980 - 2006
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

Suplemento Literário
1ª edição encartada no jornal
“Minas Gerais”.
Exemplar autografado por Murilo Rubião
com dedicatória ao escritor e artista
Márcio Sampaio
29.9.1978
Rio de Janeiro
Acervo Márcio Sampaio

Carta
Mário de Andrade para Murilo Rubião
Notas críticas tomadas pelo escritor paulista numa
primeira leitura dos contos de Murilo Rubião.
16.6.1943
São Paulo
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

Carta
Carlos Drummond de Andrade para
Murilo Rubião; elogios a *O ex-mágico*
9.11.1947
Rio de Janeiro
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

Carta
Telegrama de Fernando Sabino para
Murilo Rubião; felicitações pela publicação
do livro *O ex-mágico*.
7.10.1947
Nova York, EUA
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

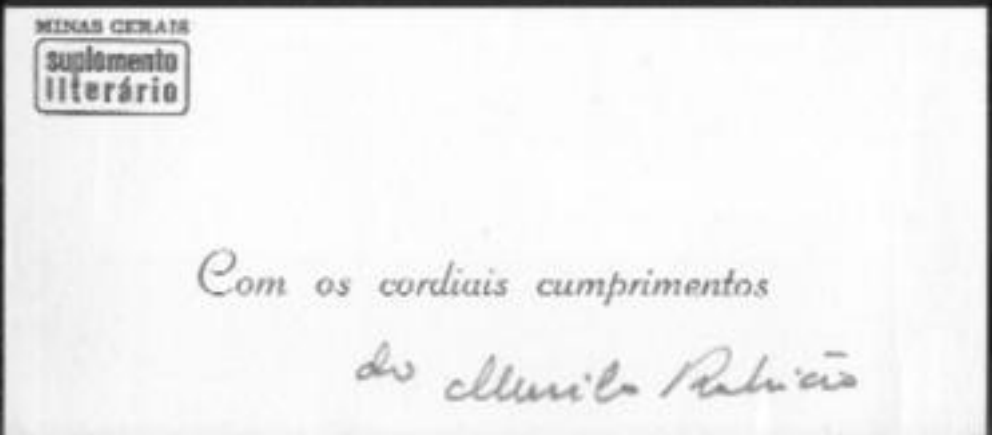
Primeiras edições:
A estrela vermelha 1953
Os dragões e outros contos 1965
O ex-mágico 1947
O convidado 1983
O pirotécnico Zacarias 1974
Contos reunidos 1999
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

Livro
O ex-mágico
Edição inglesa 1974
Edição tcheca 1986
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

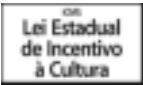
Caricaturas/Desenhos
Amílcar de Castro
João Ceschiatti
José Jus Pena
Donizete Fiúza
Chanina
Jarbas Juarez
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

Objetos pertencentes ao escritor Murilo Rubião
Óculos
Máquina de escrever
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG

Manuscritos e originais
Estrutura do livro A diáspora,
epígrafes e vários manuscritos com fragmentos dos contos
O contrabandista, *Cogumelos de metal* e *A cidade mutilada*.
Acervo de Escritores Mineiros da UFMG



patrocínio



apoio

marca
copasa

realização



apoio cultural

